

Pró-Ciências poderá reciclar 10 mil professores de 2.º grau

CONTINUAÇÃO
DA 1.ª PÁGINA

Em paralelo, a FAPESP está recebendo até 30 de março próximo novas propostas para a segunda etapa do Programa, que devem ser julgadas a tempo de poderem ser iniciadas — pelo menos parte delas — ainda no segundo semestre deste ano. Os projetos não precisam se restringir exclusivamente às escolas públicas: professores da rede particular também podem se beneficiar desse programa especial

de reciclagem, com duração prevista de três anos.

O *Pró-Ciências — Programa de Apoio ao Aperfeiçoamento de Professores de 2.º Grau em Matemática e Ciências* é uma iniciativa da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, órgão do Ministério da Educação, mas sua execução depende das secretarias estaduais de educação e, nos estados em que existem essas

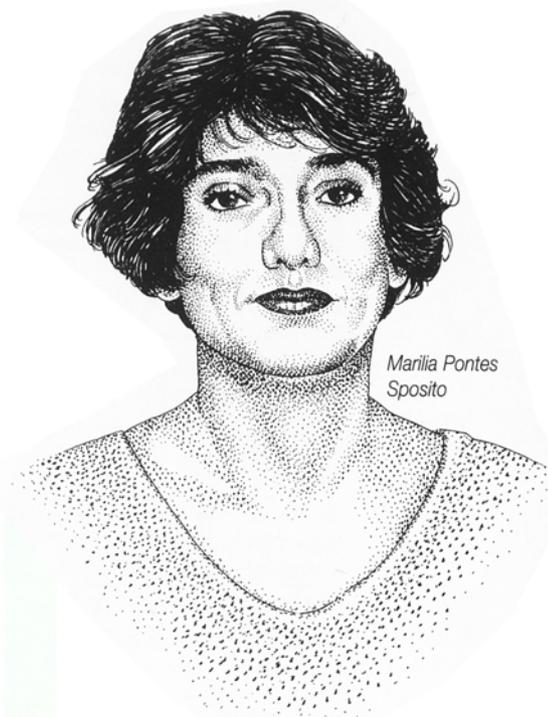
Fronteiras abertas para a genética

Um dos maiores projetos aprovados no âmbito do *Pró-Ciências* foi proposto à FAPESP pela Sociedade Brasileira de Genética. Ele vai possibilitar que docentes da USP, da UNICAMP e da UNESP conduzam, a partir deste mês de março, a reciclagem de 200 professores de Biologia nos municípios de Ribeirão Preto, Campinas, Piracicaba, São José do Rio Preto e Botucatu. A ênfase, tanto do curso de atualização teórico-prático que os professores seguirão nos primeiros seis meses do projeto quanto da orientação sobre práticas de aplicação dos conhecimentos, que vão receber nos seis meses seguintes, naturalmente estará na Genética.

“Primeiro, 40 professores de cada município vão ter aulas durante oito sábados em unidades das universidades envolvidas. Em Ribeirão Preto, eles irão a uma unidade da USP, em Campinas irão à UNICAMP, e assim por diante. Depois dessa primeira fase mais intensiva, serão escolhidos três professores de cada grupo de 40 para acompanhar mais cotidianamente o trabalho nos laboratórios das universidades e repassar, aos sábados, sua experiência aos demais”, explica o presidente da Sociedade Brasileira de Genética, professor João Lúcio Azevedo, que é titular de Genética de Microorganismos da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.

A pretensão é expor esses 15 professores — que funcionarão como uma espécie de monitores para os demais colegas — a uma vivência no ambiente do laboratório, onde poderão acompanhar experiências típicas do atual estágio de desenvolvimento da pesquisa em Genética. Pretende-se também capacitá-los a preparar material para aulas práticas, como pranchas sobre daltonismo, ou espigas de milho para experimentos mendelianos, cariótipos humanos etc. A elaboração de vídeos sobre as experiências é igualmente uma possibilidade. E além de tudo isso, os 15 professores/monitores devem participar, em agosto, do Congresso Brasileiro de Genética, em Goiânia, e nesse fórum fazer um relato a respeito da reciclagem que estão vivendo.

“No final dos seis meses da reciclagem intermediada pelos 15 professores, reuniremos os 200 de novo. Se a experiência der certo, ela pode ser repassada para todo o país”, anima-se o professor Azevedo.

Marília Pontes
Sposito

instituições, das fundações estaduais de amparo à pesquisa.

O convênio entre a CAPES, a Secretaria Estadual de Educação e a FAPESP, que viabilizou a implantação do programa em São Paulo, foi firmado em setembro passado e naquele momento a Fundação definiu que o prazo para a primeira apresentação de propostas se esgotaria em 30 de novembro. A essa altura já estava também definido que, respeitando as normas próprias de atuação da FAPESP, as propostas teriam que ser submetidas por pesquisadores vinculados a instituições de ensino e pesquisa de São Paulo e não poderiam visar exclusivamente a reciclagem, mas contemplariam também a pesquisa experimental de uma metodologia ou concepção inovadora de treinamento de professores.